

APRENDIZADO DA COMPAIXÃO E ENGAJAMENTO: NOTAS PRELIMINARES

Mariana Tavares Ferreira

Contato com o Autor: marianaferreira@usp.br

Orientadora: Professora Dra. Marie Claire Sekkel

Programa de Pós-Graduação: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Nível do Trabalho: Doutorado

Introdução: O presente estudo nasce de inquietações acerca do engajamento do pesquisador em Psicologia e Educação com seu campo de estudos/intervenção. Inquietações ético-políticas a respeito do lugar da compaixão neste engajamento. Tais questões revelam-se especialmente relevantes se atentarmos a um problema desde sempre presente em Ciências Humanas: a impossibilidade de neutralidade científica e mesmo o desejo de intervir e transformar a realidade estudada. Isso conduz a ideias-chave relacionadas à sensibilidade para com os outros, expressos em conceitos como *compaixão* e *solidariedade*. A reflexão que desejamos desenvolver é sobre o papel da compaixão no engajamento. Engajamento pensado aqui não no viés de sua tradicional definição como “uma atividade prática no interior de grupos organizados, movimentos, partidos”, mas sim no sentido de se afirmar a própria pesquisa como ato político. Propomo-nos, assim, um trabalho de campo no Parque Acari, que faz parte do complexo de favelas de Acari, na zona norte do Rio de Janeiro. Acari tem se constituído como um espaço singular na história da cidade, como local de resistência a grupos de extermínio e à violência policial, em articulação com uma intensa produção artístico-cultural. **Objetivos:** Discutir o papel da compaixão no engajamento, num diálogo com a tradição budista, compreendida através do conceito de *práticas de si*, de Michel Foucault, de forma a ampliar seus sentidos, diferenciando-a da piedade de certa interpretação cristã, problematizando alguns pressupostos em Psicologia e Educação. **Método:** Acompanhamento e registro de uma experiência cotidiana de resistência em Acari, incluindo aí tanto a militância de alguns moradores em redes de solidariedade em direitos humanos *stricto sensu*, quanto atividades culturais e de educação não-formal. Atualmente, acompanho crianças de uma escolinha de futebol coordenada pelo animador, poeta e militante, Vanderley, conhecido na cena dos movimentos sociais carioca como o Deley de Acari. Como metodologia, utilizo as ferramentas do trabalho etnográfico: a observação participante, registros fotográficos e o caderno de campo. Paralelamente, realizo um levantamento de bibliografia referente à compaixão no Budismo Mahayana e às questões éticas e políticas nas Ciências Humanas. **Resultados Parciais:** A pesquisa encontra-se em fase de trabalho de campo articulada a elaborações teóricas, com base em autores como: Thich Nhat Hanh, Dalai Lama, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt, Karl Marx, Wilhelm Reich, D. H. Lawrence, Michel Foucault, Nancy Scheper-Hughes, Franco Berardi, J. Christopher Kovats-Bernat, Judith

Butler, dentre outros. **Considerações Finais:** Defendemos a compaixão não como um sentimento, autêntico ou ilusório, de um eu interior, mas como *prática de si*, num aprendizado que se dá nas relações com os outros. Nossa aposta é que um estudo sobre a compaixão como o aqui proposto possa servir de aporte para pensarmos a relação de nossas pesquisas não apenas com um campo de conhecimentos, mas também com um campo de forças, preche de implicações ético-políticas.

Palavras-chave: compaixão – ética – resistência - Psicologia - Educação

Agência financiadora: CNPq

Alguns resultados parciais desta pesquisa foram apresentados no *IV Congresso ULAPSI*, Montevideú, abril de 2012 e serão apresentados no *Solidarity, Memory and Identity, Interdisciplinary Conference*, Gdańsk, Setembro de 2012.